Teixeira, José, 2006, "Globalização, novos cosmopolitismos e a anunciada morte das línguas", *Colóquio de Outono – Novos Cosmopolitismos. Identidades Híbridas,* 2004, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, pp. 169-186. (ISBN 972-8063-46-6)

# Globalização, novos cosmopolitismos e a anunciada morte das línguas

José Teixeira
ILCH - Universidade do Minho
jsteixeira@ilch.uminho.pt

## 1. A globalização económica, sociológica e a globalização linguística

A chamada "globalização" é um dos dados mais marcantes e mais referidos no início deste novo século. O mundo é cada vez mais uma aldeia gigante (ou minúscula, conforme as perspectivas). Cada vez é mais fácil comunicar onde quer que se esteja. Com um telemóvel ligado a um satélite, em qualquer deserto ou montanha do mundo podemos falar quase com quem quisermos e ver com quem estamos a falar, tirar e enviar fotografias, ler os jornais, escrever e ler o que nos escreveram. Ainda há poucos anos (meses) era necessário um telemóvel ligado a um computador. Hoje com os telemóveis de última geração já é possível fazer tudo.

As mudanças de comunicabilidade realizam-se a um ritmo a que ainda não nos habituámos. A capacidade de manipular e armazenar informação aumenta a um ritmo alucinante. Os sistemas não têm sequer tempo de se substituírem: actualmente (e só para referir os processos vulgares de armazenamento de informação) ainda se usam disquetes de 1,4 Mega bytes quando o vulgar CD-Rom armazena mais de 500 dessas disquetes. No entanto o CD-Rom já está a ser suplantado pelo DVD de 4,7 Giga Bytes (equivalente a 7

CDs, ou seja, mais de 3.500 disquetes) e este mesmo tipo de DVDs já é pequeno, estando actualmente a vulgarizar-se o designado DVD double layer, com o dobro da capacidade, começando simultaneamente a comercializar-se a tecnologia Blu-ray em que os discos detêm capacidades de armazenamento muitíssimo maiores (25 ou 50 GB).

Esta facilidade tecnológica implica uma cada vez maior facilidade de intercomunicação global a nível planetário, exponenciando a possibilidade e efectividade de contactos e de comunicação. Assim, a globalização, que começou por ser comercial e tecnológica, transformou-se em globalização sociológica e necessariamente linguística.

A Internet permite a visibilidade não só do fenómeno, mas igualmente dos seus resultados. Que podem parecer paradoxais e contraditórios: simultaneamente, a *Net* é o lugar de múltiplas línguas e de todos os assuntos e culturas. Mas é também um poderoso mecanismo unificador de tendências, modas culturais e comportamentais que procura uma comunicabilidade o mais abrangente e eficaz possível. Para isso, simplifica os códigos de escrita e tende a usar um código o mais universal possível, naturalmente o designado "global english".

## 2. Globalização e hibridismos

Curiosamente, foi Portugal quem, no passado, verdadeiramente iniciou o processo de percepção e de implantação de uma comunicação globalizante. Para além de ter sido pioneiro ao fornecer à Europa a visão de um mundo em que todas as partes começaram a estar em contacto, a língua portuguesa foi a primeira língua a ser usada globalmente, envolvendo lugares e povos dispersos por todo o planeta, desde a Índia ao Japão, em múltiplos pontos de África e nos então novos mundos da América.

Esse primeiro intercâmbio global ficou registado em trocas linguísticas que levaram palavras portuguesas ao japonês e a outras línguas, tendo o português assimilado termos da Ásia, de línguas africanas e americanas.

Globalização diferente, a da actualidade. À de outrora, constituída por uns poucos barcos e alguns milhares de indivíduos, contrapõe-se a interacção planetária total e global. Um dos resultados deste fenómeno são os hibridismos genéticos, sociais e linguísticos. Cada vez mais, a uma muito maior mobilidade demográfica e comunicacional corresponde um entrecruzar linguístico. Ora estes cruzamentos acarretam inevitavelmente o cruzar de influências e os empréstimos linguísticos. Não apenas no sentido clássico, em que "empréstimos" linguísticos eram entendidos como os neologismos que entravam na língua por influência das línguas em contacto, mas "empréstimo linguístico" no sentido mais radical e profundo da expressão: usamos uma língua "emprestada", uma língua que não é a nossas primeira língua, para podermos comunicar com o mundo global e com as instâncias que exigem uma comunicação igualmente globalizada.

Como é bem sabido, no entanto, o hibridismo linguístico é substancialmente diferente do social e demográfico. No linguístico não há propriamente mistura: a desigualdade de papéis e de peso da língua global tende a erigi-la como a única para a comunicação a nível planetário. Ou seja, ao cada vez maior hibridismo e miscigenação genética está a corresponder uma progressiva extinção linguística que tende a encaminhar as sociedades híbridas para o unilinguismo.

### 3. Dilúvio linguístico?

Steven Roger Fischer, (Fischer 2002), em *Uma História da Linguagem*, sintetiza aquilo que para muitos parece ser um destino inevitável:

> Os dois séculos que se seguirão irão indubitavelmente assistir a uma substituição linguística sem precedentes; à homogeneização e ao nivelamento dos poucos dialectos e línguas que sobrevivem; e, finalmente, em última instância, a toda a gente a falar provavelmente o inglês, como primeira ou como segunda língua, à medida que a sociedade global se torna uma realidade, pelo menos a nível linguístico. (Fischer 2002:197)

Uma língua significa vantagens económicas e culturais, prestígio e domínio. Há imensas razões estratégicas para que as línguas se imponham umas sobre as outras numa guerra em que perder significa, a médio prazo, desaparecer:

> Como serão as línguas no futuro? Não podemos prever de modo fiável o futuro linguístico […]. No entanto, a referência a mudanças linguísticas passadas e o reconhecimento de tendências linguísticas do presente podem revelar-nos cenários linguísticos possíveis, pelo menos para um futuro próximo. Poderemos também querer ter em consideração as actividades de estrategos governamentais e empresariais – falantes sobretudo da língua inglesa – que estão a expandir energicamente as suas mordomias aumentando a probabilidade de a sua língua (a inglesa) predominar sobre a língua dos não estrategos nas décadas futuras. (Fischer 2002:191)

Ora isto significa que o futuro das línguas se joga nas próximas gerações, dependendo a sobrevivência das mesmas da força e do respectivo prestígio de uso.

As previsões – pode dizer-se, pelo menos, certas previsões – não são nada tranquilizantes. Segundo Fischer “em termos de mero número de falantes, apenas três línguas (e as respectivas linguagens gestuais) irão possivelmente sobreviver daqui a 300 anos: o mandarim, o espanhol e o inglês.” (Fischer 2002:204)

E já se podem ver, prossegue, as tendências para um biliguismo precursor de um possível monolinguismo:

> A Escandinávia, a Holanda, Singapura e um pequeno número de outras regiões do globo representam possivelmente já a situação linguística que em breve predominará por todo o mundo: populações adultas bilingues que falam a língua local (metropolitana) e o inglês. Depois disto, talvez lá para o final do século XXIV, só o inglês terá sobrevivido como a única língua do mundo [...].(Fischer 2002:204)

Catastrofismo?

De qualquer forma, há evidências que não se podem negar:

1) Nos últimos séculos desapareceram milhares de línguas
2) A redução das línguas tem-se acentuando nas últimas décadas
3) O inglês caminha para se impor como língua de comunicação global

Isto não implica, necessariamente, que não possa haver uma situação, no futuro, em que haja uma língua para a comunicação global e se conserve um grupo de línguas "regionais". Mas durante quanto tempo isto será possível? A história ensina-nos que em situações de bilinguismo social, as novas gerações procuram a língua de maior prestígio e que lhes ofereça melhores possibilidades de ascensão social e não obrigatoriamente a língua dos pais. Podem (parcialmente) conservá-la, mas nas gerações seguintes a lei do mais forte é inevitável.

Aliás, a ideia de que seria uma "catástrofe" se a diversidade linguística desaparecesse, só é partilhada pelos falantes das línguas "minoritárias". Desaparecer a "língua do outro" não é problema. E quanto maior for o grupo e o domínio linguístico, menor se torna o "problema", até se transformar mesmo em inevitabilidade.

**4. Estratégias de sobrevivência e os tiros no pé**

Dado que a sobrevivência de muitas línguas parece ameaçada a longo prazo, podem tomar-se, para línguas como o português, essencialmente, duas atitudes.

Uma será uma atitude estratégica, não apenas na perspectiva cultural e sentimental, mas igualmente económica: ter a constante consciência do problema e por isso fazer os possíveis para que a língua vá resistindo.

Outra será a de considerar que isto não é bem assim, que mesmo na hipótese da generalização do inglês como língua segunda, quem fala português sempre terá “amor” pela sua língua que tem um passado glorioso.

Ora o certo é que a história está cheia de línguas mortas com passados gloriosos, como o latim e o sânscrito. Além disso, numa situação de bilinguismo, facilmente se atinge a fase em que cada falante deixa de ter “a sua língua” para ter “as suas línguas”. A acrescentar a isto, numa sintomática ironia, a esmagadora maioria dos falantes do português actual são-no porque o português se impôs fazendo desaparecer as línguas que os seus ascendentes falavam: no Brasil as línguas ameríndias e as línguas originais dos escravos, dos colonos italianos, alemães, holandeses e outros, e em África as línguas locais– processo ainda hoje em pleno funcionamento.

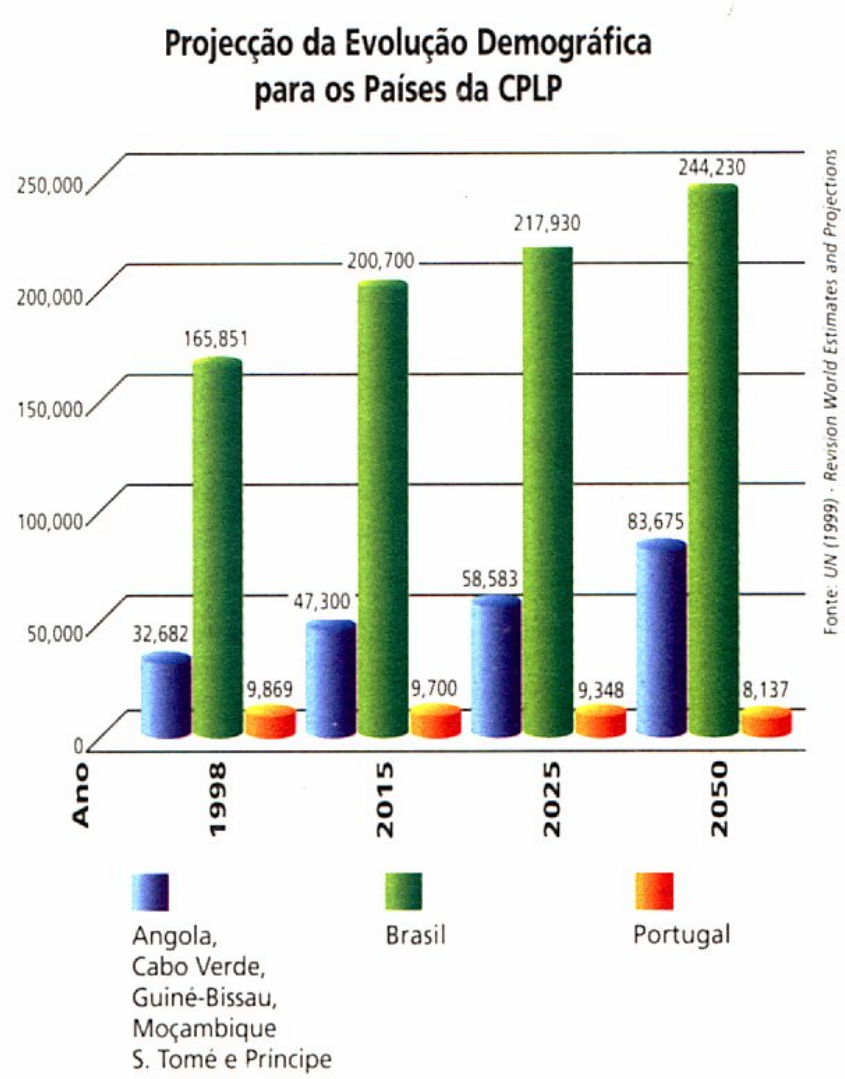
Se o português não se quiser dar por vencido e pretender entrar no jogo da sobrevivência linguística, ter-se-ão que adoptar estratégias de resistência, entre as quais serão de enorme importância:

### 4.1. A conquista de falantes

O aumento normal dos falantes de uma língua é, obviamente, o demográfico, dependente de factores sócio-económicos e culturais difíceis de alterar. Mas as línguas ganham falantes por outro meio: pela conquista linguística. A língua conquistadora começa por ser língua segunda e nas gerações seguintes pode passar a primeira língua. E neste processo, o português é não só uma das línguas que nos últimos séculos mais cresceu, como uma das que actualmente tem maior margem de crescimento.

Se no Brasil o português já é praticamente a língua de todos os brasileiros, em África a margem de progressão do português é, a médio e longo prazo, enorme. E como as taxas de natalidade prometem ser aliadas, o crescimento continuado do português no mundo

tornará cada vez menor, na globalidade dos falantes, o peso percentual do português europeu:




Estes dados mostram a urgência de uma política de língua que capte para o português sobretudo os falantes que em África estão a começar o processo de bilinguismo. Pode não ser garantido o prato da balança cair para o português. Lembre-se a polémica de quando se falou que Moçambique iria entrar para a Commonwealth.

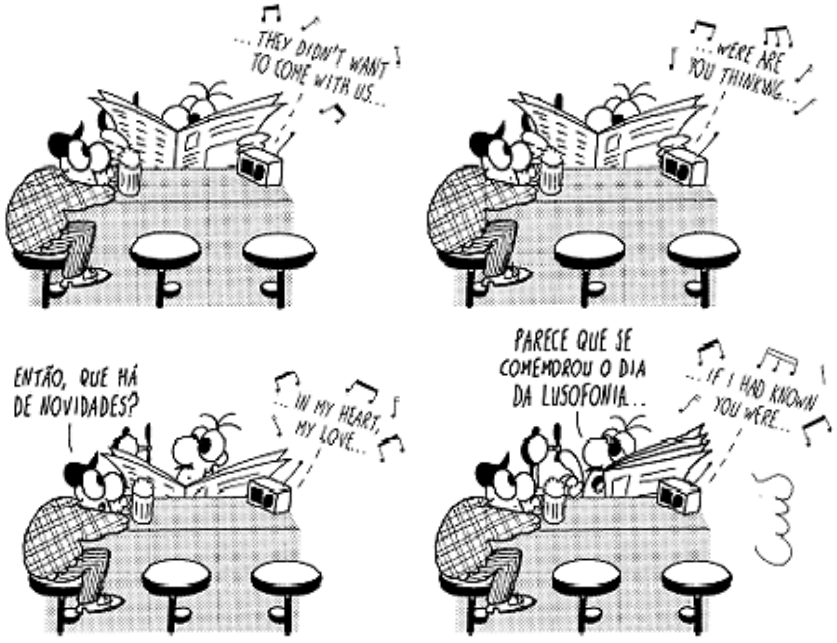
### 4.2. O prestígio da língua

É por demais sabido que em todos os fenómenos de mudança linguística, o prestígio conotado é o principal factor impulsionador.

Que prestígio detém, hoje, o português?

Para a generalidade dos próprios falantes, muito pouco. Enquanto há povos que supervalorizam o lugar da sua língua no mundo[1], os portugueses, em geral, têm uma ideia muito depreciativa do lugar que a sua língua ocupa na escala das línguas. A maior parte dos imigrantes não incentiva os filhos a manterem o português; não compreendem como é que há estrangeiros que querem aprender português; em Portugal, alguns dos grupos musicais mais populares, entre muitas camadas jovens, têm nomes em inglês e cantam em inglês ritmos anglo-saxónicos, dizendo que estão a fazer "música portuguesa". As marcas comerciais (produtos portugueses, nomes de estabelecimentos, marcas de roupa) frequentemente aparecem em inglês.

A situação já faz de tal modo parte do nosso imaginário colectivo que justifica o humor com que frequentemente se assinalam as contradições entre a institucionalização da dita defesa da língua e a realidade da sua desvalorização quotidiana em detrimento doutras, normalmente do inglês:




(*Bartoon*, jornal *Público)*

E não se diga que é só o "povo simples".

[1] Em vésperas da abertura da *Expolangues* de 2002 em Paris, o Jornal *Le Monde* (de 28/2/2002) referia uma sondagem segundo a qual mais de metade dos franceses achava que em qualquer lugar do mundo seriam entendidos se falassem apenas francês.

As estruturas de poder dão claros indícios que o tão apregoado “amor à língua” é para consumo caseiro. Há inúmeros episódios de governantes que no estrangeiro evitam falar em português, mesmo quando as situações o permitem ou até aconselham. E que dizer da discriminação, legalmente instituída, de menorizar a investigação científica se feita e publicada em português, mesmo que o tema seja a língua portuguesa? Não se defende que não se deva internacionalizar a investigação e que muitas vezes essa internacionalização implica o uso do inglês. Mas deverá ser sempre? Por que é que um artigo científico publicado em inglês é mais valorizado (por exemplo em concursos oficiais) e portanto considerado melhor, do que o mesmo artigo escrito em português? Isto leva ao ridículo de situações como as que acontecem em congressos feitos em Portugal, por e para portugueses em que a temática é a língua portuguesa, algumas das comunicações serem feitas em língua estrangeira, normalmente o inglês. Ou mesmo de congressos linguísticos realizados em Portugal (e apoiados financeiramente ou pelo estado ou pelas suas instituições) onde investigadores portugueses irão falar das suas investigações sobre aspectos do português, mas onde não se pode usar outra língua que não seja o inglês.

Será assim que se prestigia e defende a língua portuguesa? Ou não será isto uma forma de equiparar o português a certas línguas mais ou menos exóticas, cujo único “prestígio” é serem utilizadas para ajudar a justificar uns quaisquer universais linguísticos, seja isso o que for?

As línguas só existem plenamente nos corpos, nas mentes e nas interacções das pessoas e sociedades que as utilizam. A importância que lhes é atribuída e as probabilidades de sobrevivência que possuem decorrem do peso do seu uso e de serem utilizadas em situações e instâncias de prestígio. E que prestígio, senão negativo, pode advir para uma língua que não “serve” para ser usada num encontro de especialistas de língua, mesmo quando falam dela, no próprio país onde ela é falada?

### 4.3. A escrita do polegar e a conversa teclada: osmoses e hibridismos

A massificação do telemóvel veio alterar substancialmente a relação que as camadas juvenis mantinham com o texto escrito. Este tipo de texto, até aí tido como uma forma de representar a linguagem mais formalizada, contraposta à oralidade quotidiana, é transfigurado pelo telemóvel como instrumento de escrita. São as chamadas mensagens SMS as causadoras deste verdadeiro fenómeno, que leva alguns sociólogos actuais a falar de uma "generation text" que de repente começa a escrever muito mais no telemóvel do que no tradicional papel.

Ora a escrita SMS é radicalmente diferente da escrita tradicional. Não se destina a passar para o papel, possui um carácter muito mais transitório e informal, sendo entendida como a forma o mais próxima possível do discurso oral. Possui um poder de atractividade imenso nas camadas mais jovens, já que a comunicação é instantânea[2], permite interacções com quem se quer (podendo o emissor ficar anónimo e estudar as reacções do receptor) e consegue, quando passa nos meios de comunicação social de grande prestígio, como as televisões, alcançar milhões de receptores, dando aos seus autores os segundos de fama que os compensam.

Por muito que se horrorizem os defensores do purismo clássico das línguas, são estas formas de comunicação que também mantêm a língua viva e que a projectam para o futuro. A sobrevivência futura de uma língua depende mais do facto de ela se tornar necessária à contemporaneidade do que das glórias do passado.

A socialização e normativização linguística que compete à escola fazer, muitas vezes esquece esta vertente dos novos usos da língua e porque os considera não-normativos transmite a ideia que eles são um atentado à "verdadeira" língua, a língua dos escritores consagrados. Seria muito melhor que a escola aprendesse a ver e a trabalhar com estas novas formas de expressão e as contextualizasse no plano das variedades e níveis de

[2] No português brasileiro, as mensagens SMS são sintomaticamente designadas como "torpedos" (Dicionário *Aurélio*)

linguagem que todas as línguas possuem. Seria uma forma de controlar e orientar as novidades, evitar hibridismos nefastos ou importações desnecessárias e prestigiar os mecanismos internos da própria língua. Não costuma ser essa, no entanto a tradição:

> Na continuidade de uma longa tradição em que à língua estudada na aula não interessa a língua da rua, o escrevente juvenil sente que a escola não tem nada a ver com a forma como ele escreve SMS. E então, nesta forma que considera própria, investe os sinais que considera de maior prestígio no acto de comunicar, entre os quais, frequentemente, a informação que domina (muitas vezes mais aparente do que realmente) a língua que está omnipresente nas suas actividades preferidas: o inglês. E assim, enquanto as SMS inglesas são escritas apenas em inglês, muitas das escritas na língua portuguesa acabam por adquirir um hibridismo mais snobe do que criativo e que desfigura qualquer tentativa de uma construção morfo-sintáctica num português aceitável. (Teixeira, 2003:397-398)

Para ilustrar esta temática, permita-se a apresentação de uma pequena recolha de SMSs, que exemplificam os hibridismos a todos os níveis, desde os construídos por estrangeirismos, por simplificação da escrita, pela mistura da escrita formal e da oralidade e por neologismos de criatividade dentro do sistema da própria língua (*teclar=escrever*, *dizer*, exemplo 51):[3]

1. Oi Sol. És a melhor companhia. ... Bjo
2. OI SOL! ADORAVA Q ACTUASSEM EM PORTUGAL BRYAN ADAMS E BONJOVI, HÁ MUITO QUE NÃO VEM CÁ.BJOS
3. ... Sou maluka pelo clip e pela musica ...
4. oi ppl!! Eu curtia bue de ver o EMINEM actuar em Portugal.fikem bem!AMO-TE DIANA!
5. GOSTO MUITO DO SOL GOSTARIA QUE FIZESSE UM PROGRAMA DE MUSICA DE DISCOTECA AMO-TE MT VANDA.
6. Oi voces são os melhores ... Um jinho para ...
7. (Kika,Estoril) Nunca tive muito tempo separada de qq namorado meu...
8. Tudo bem pple?passem um special...
9. Oi ppl do sol! Gostava mt k passacem cenas d smoke city! Um bj mt grand pa td o ppl d telheiras!
10. O melhor vidio-clip do momento é korn, pf passem mais sobre eles. Parabéns a sol musica, 1 abraco p/todos vos.Amo-t liliana
11. ... odeio-t zezao, odeio-t duarte! Bedzos
12. Boas ppl do sol, ...
13. UM GRANDE BEIJO PRA TI ... ADORO-TE XAU
14. oi ppl!a minha banda preferida é ... podiam passar mais cenas deles.quero mandar um big kiss pro ANGELBOY e para o ppl do candal
15. ... tou com vontade de ouvir a musica ...

[3] Recolha feita em Agosto e Setembro de 2002 em dois canais de televisão por cabo. As reticências (...) indicam que a mensagem não foi totalmente transcrita.

16. (Bé,Guimaraes) boas pobo!! So passei por aki pa mandar um beijinho a todas as girls k kurtem SLIPKNOT.. AMO-TE NOKAS!!
17. ... JINHOS ADORO-TE
18. ...a todos os motards ke estão...
19. ...o vosso canal é muito fixe...Bjos para o Mac
20. Oi ppl de coimbra...
21. GOSTO MT DO VOSSO PROGRAMA.ABRAçOS PARA A UNIVERSIDADE DA CERVEJA.CURTO BUE DA WEASEL.
22. Oi ppl!o melhor video...
23. ... Bjx para todos os mkos e mkas que conheço!
24. ... jinhos silvy e um ola migos albertina mario
25. Oi malta, td bem, gostava ... Amo-te mt,mt,mt,mt ...
26. p mim a melhor banda ... bjs escaldantes p a catia
27. EI PESSOAS!
28. OI PPL DO SOL MUSIKA. MELHOR KLIP ...
29. APPOCALYPTICA FOI O MELHOR CONCERTO Q VG NA MINHA 1 QUEIMA DAS FITAS EM COIMBRA.MANDEM MSG MULHERES
30. Oi ppl do c 21! por onde anda o ppl do xat, ... ? fikem bem. SLB4EVER
31. FCP 4 EVER. SLBS NÃO FALEM MAL DO FCP ... BJ P FCPS.
32. (CrAzYmAc amo te mto!jinhos fofos para o ppl da gaf.encarnaçao.
33. Ois o canal está excelente...
34. kika vê-se mesmo que não pensas. Desde quando é ke 1 jogador ...
35. OI PESSOAL DE PORTUGAL! O MELHOR VIDEO CLIP ..., PA MIM ...
36. Tass, curto mil o vosso canal mas era fixe que passassem bandas como... Abraços po ppl d covas!
37. Olá gosto mt de celin dion, adorava vela em portugal. A sol musica é baril, um beijo pra vos...
38. ... ELES ROKAM MEMO A FORÇA TODA!ABRAÇOS E JINHOX PO PPL DA AMUROSA
39. parabéns granda canal!Bj para o meu mor ...
40. OI PESSOAL DO SOL TD FIXE!GOSTAVA BUE VER UM ESPECIAL “SPLIPKNOT” PLEASE.
41. Oi people do sol, tudo bem?
42. Oi sol, ... adorei ve-los em paredes de coura.Beijos para todo o ppl k lá teve. 1 especial ...
43. OI PPL DO SOL! MANDO ESTA MSG PARA VOS PEDIR K PASSEM ...
44. KERIA DIZER AH FILIPA KE A ADORO!UM OLA PO PPL DE ALMADA
45. Oi ppl do Sol ! curto bués o vosso canal! curtia k passassem ...
46. O vosso canal é altamente...
47. Hail! ... Punk e grunge foreva... Ñ comercializem o punk.
48. ACHO Q ACIMA D QUALQUER SENTIMENTO ESTA A MUSICA POIS ELA ENVOLVE TODOS ELES.JÁ Q FUI INFELIZ N AMOR Ñ M PREOCUPO AINDA TENHO A VOSSA MUSICA
49. (Pika,Braga) oix ppl do Sol!passem... tou mesmo a precisar!passem-na hj.fiko a espera! AMO*TE MARIA JOAO!, 1 grande bj pra ti
50. Quanto aos 4-0 só tenho ama coisa a dizer-SCP 4EVER!!!podia ter levado 20 k eu NNK mudava pa SLB ou FCP!ser SCP é lindo!jinhox pás leoas
51. SLB’s, FCP, SLB e SCP jogaram contra o CELTA!e so 1a ekipa ganhou!kem foi?kem havia de ser?SCP RULLEEZZZ!!!fikem bm e parem de tc mal do SCP!

É com certeza o prestígio linguístico que o inglês possui que leva a que, por exemplo, a forma mais frequente de tratamento seja *ppl* (= *people* 16 vezes) ou as variantes *pple* ou por extenso *people*. As formas portuguesas *pessoal* e *malta* surgem apenas duas vezes e uma vez, respectivamente. As criações que usam números em que o valor fonético em inglês corresponde a um jogo homófono são particularmente apreciadas: *SLB4EVER*

(=*Benfica para sempre*, exemplo 30), *FCP 4 EVER* (=*Porto para sempre*, 31). Mesmo quando o conhecimento da língua inglesa é pequeno, é enorme o desejo de se mostrar a usá-la (*Punk e grunge foreva*).

Exorcizar da sala de aula todo este hibridismo linguístico, não resolve o problema. Leva, antes pelo contrário, que o processo não tenha o controlo que poderia ter, como o de tentar adaptar esta forma de escrita à língua portuguesa:

> Por que não, para começar, tentar aportuguesar este sistema de escrita? Tal como existe, é uma miscelânea estranha, quer para o inglês quer para o português. O aportuguesamento poderia começar por um grupo de pronomes muito utilizado (*que, quem, qualquer, quando, qual*) e que enxameiam as mensagens de "kk", uma letra ainda um pouco estranha ao nosso alfabeto. Como se pode constatar nas mensagens recolhidas, ainda não há uniformização, chegando a mesma mensagem (35) a apresentar formas diferentes (entre parêntesis o número da mensagem):
>
> que= k (9,16,43,44,46,51), ke (18,35,45), q (29,49,49), que (23,35,37)
>
> qualquer= qq (7)
>
> quem= kem (52,52)
>
> Não seria melhor usar as formas *q=que, qq=qualquer, qm/qem=quem* graficamente muito mais ligadas ao processo normal da escrita? Note-se o "prestígio" do "k" nas palavras *maluka* (3), *kurtem* (16), *Nokas* (16) e *KLIP* (28). Aqui não foi utilizado por uma questão de economia de caracteres, mas apenas para dar um ar mais atractivo (segundo uma determinada perspectiva, claro!) à mensagem. (Teixeira, 2003:401-402)

O abandono à sua sorte destes novos níveis de escrita, torna-se muito mais problemático na medida em que é esta a forma de escrita que frequentemente se usa nas conversas tecladas através dos chates e blogues da internete. E pode-se considerar de menor importância este tipo de uso de uma língua. No entanto é precisamente ele que serve como um dos critérios internacionais para aferir a importância de utilização das línguas modernas. Há sítios na Internete que se dedicam a verificar a percentagem que cada língua

ocupa na rede, como uma forma de conferir a importância, a vitalidade e as projecções futuras sobre as línguas (http://funredes.org/LC/english/L5/L5results_detail.html):

**Table 8 : Hypothesis of the evolution of the weighting of the languages studied**

| Languages studied | L5's hypotheses of absolute weighting | | | L4 Sept 1998 | Evolution L4/L5 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| **ENGLISH** | 55.00% | **50.00%** | 45.00% | 75.00% | -26.67% | **-33.33%** | -40% |
| **SPANISH** | 6.02% | **5.48%** | 4.93% | 2.53% | 137.94% | **116.60%** | 94.86% |
| **FRENCH** | 4.87% | **4.43%** | 3.99% | 2.81% | 73.31% | **57.65%** | 41.99% |
| **ITALIAN** | 3.23% | **2.94%** | 2.65% | 1.50% | 115.33% | **96.00%** | 76.67% |
| **PORTUGESE** | 2.97% | **2.70%** | 2.43% | 0.82% | 262.20% | **229.27%** | 196.34% |
| **RUMANIAN** | 0.18% | **0.16%** | 0.14% | 0.15% | 20.00% | **6.67%** | -6.67% |
| **Remainder of languages** | 20.35% | **27.59%** | 34.83% | 17.19% | **18.38%** | **60.50%** | **102.62%** |

Como se pode comprovar por esta tabela (presente no sítio referido em Novembro de 2004) o português é a língua com a maior percentagem de crescimento. E quer se queira quer não, será a presença e a importância que o português conseguir nos usos que tabelas como esta representam que ditará, em grande medida, o lugar que ocupará entre as línguas do mundo:

> Oitenta por cento da informação na Internet é transmitida actualmente em língua inglesa. A julgar pelo índice de crescimento da utilização da Internet, este facto só por si poderá assegurar a posição do inglês como língua mais popular do mundo ao longo de quase todo o século XXI, senão até mais tarde. A população mundial está assim a ser “obrigada” a adoptar o inglês e prosperar, ou a ignorá-lo e declinar. No início do século XXI, a aprendizagem do inglês tornou-se uma questão económica básica: os empregos mais bem pagos do mundo exigem o domínio do inglês. Esta é a tendência que irá possivelmente determinar o perfil linguístico do planeta nos próximos dois séculos, pelo menos. (Fischer 2002:203-204)

Ignorar e desprezar este facto (a importância da presença das línguas nos usos da moderna comunicação global) numa política de língua, poderá ser também dar um tiro no pé.

### 4.4. A repulsa pela variabilidade: o purismo e o “português do Entroncamento”

Qualquer língua tem de defender uma norma culta que funcione como um modelo ideal aglutinador dos falantes que na mesma língua se expressam. O que não pode fazer é coisificar essa norma padrão como um falar específico de uma dada região até aos pormenores mais atómicos, transformando a maioria dos falantes em sacrílegos quando não seguem um qualquer pormenor lexical ou fonético que a norma extraordinariamente particularizada impõe.

Por isso é que muitos dos grandes dicionários das grandes línguas evitam, por exemplo quando pretendem ser um dicionário de referência normativa, a transcrição fonética. O português europeu ainda não se habituou a ser visto como uma parte de uma das grandes línguas mundiais da actualidade, e para muitos que o julgam assim defender de ataques terríveis, só pode ser realizado com a exacta pronúncia da região que consideram a mais pura. E constituiu-se assim miticamente o português “das pessoas bem formadas da região entre Coimbra e Lisboa”, como se costumava dizer (e ainda alguns dizem!). Um mito que nunca correspondeu à realidade, já que esta região (cujo epicentro seria o Entroncamento) nunca correspondeu a uma variedade una a nível linguístico. A fórmula servia sobretudo para contentar “as pessoas cultas” de Lisboa que iam ensinar e aprender para a Universidade de Coimbra e que, portanto, levavam consigo a pureza da língua.

A visão e imposição de uma norma excessivamente regulamentada até aos mais ínfimos pormenores é uma forma de fragmentar desnecessariamente uma língua, dando a ideia que falamos de forma “diferente” uns dos outros. Não será por acaso que frequentemente se relevam as diferenças entre o português (europeu) e o chamado “brasileiro” e não se consideram relevantes as diferenças entre o espanhol de Espanha e o “argentino”, o “colombiano”, o “peruano”, o “cubano”, etc.

Por isso, para muitos defensores da pureza linguística, tentar que a língua se imponha e estenda a um cada vez maior número de falantes parece ser um aspecto secundário relativamente aos perigos de haver pronúncias como *outro* [´owtru] ou *cano* [‘kanu] em vez dos correctos [´otru] e [‘kɐnu].

### 4.4. O português como língua global

Uma língua que aspire a uma presença e uso globalizante, que possa abarcar não apenas países diferentes mas, como o português, se queira instrumento da constituição de uma comunidade lusófona abarcando os vários continentes tem que aspirar a uma unidade formal que não encalhe nas pequenas diferenças que cada uso necessariamente possui.

Torna-se urgente, a este respeito, a implementação de um acordo de escrita, tantas vezes tentado mas sempre, por uma ou outra razão, não conseguido. Custa ver a pouca importância que é atribuída ao célebre acordo ortográfico, aprovado mas ainda não instituído na prática como mecanismo unificador de uma norma gráfica para o universo da língua portuguesa. Há uns dias apareceu numa mensagem de rodapé de um noticiário televisivo uma notícia segundo a qual o Brasil quereria pôr em prática o referido acordo. O acordo seria, a meu ver, um reforço para a estabilização do português como língua global. O pouco interesse e debate que a notícia despertou é sintomático. Também não se ouve falar de diligências dos organismos governamentais a este propósito.

Há quem diga que mecanismos unificadores como um acordo de escrita só servem para disfarçar divergências que inevitavelmente levarão à separação linguística entre o português europeu, brasileiro, angolano, moçambicano, etc.

Caso isto fosse verdade – estas variedades do português caminharem para se estruturarem como línguas diferentes – mais urgente se tornaria implementar o acordo e não esquecer o problema, aceitando o estilhaçar do português como língua global. No entanto, esta profecia sobre a constituição das variedades em novas línguas se se verificou

no passado não quer dizer que se repetirá necessariamente no futuro. Hoje em dia a instantaneidade, a frequência e a globalização das comunicações parecem tender para unificar registos linguísticos falados em regiões muito distantes e não acelerarem o processo inverso de divergência e diferenciação que acontecia em séculos passados:

> Antes da rádio e dos filmes, a maior parte dos britânicos não tinha ouvido nunca o inglês americano falado, que muitos consideravam "ordinário" quando o ouviam pela primeira vez, sobretudo a nasalação tipicamente americana. A maior parte dos americanos também nunca tinha ouvido o inglês britânica "correcto". Hoje, passadas três gerações, as duas variedades, em vez de evoluírem para línguas descendentes, como teria sido normal em termos de processos linguísticos, estão a tornar-se cada vez mais próximas. [...] O inglês britânico, o inglês americano-padrão e outras formas de inglês faladas por todo o mundo estão a contribuir para o amálgama linguístico que é o inglês-padrão internacional, uma língua emergente. (Fischer 2002:203)

Relativamente ao português, estudos presentemente realizados[4] parecem demonstrar que a divergência lexical era maior nos anos cinquenta do século XX do que actualmente. Fenómenos como as migrações do final de século e um muito maior intercâmbio linguístico permitido pela globalização podem ajudar a explicar esta surpreendente tendência, não só para a não divergência progressiva, mas mesmo para alguma convergência.

Por tudo isto, mais urgente, necessário e justificado se torna deixar de continuar a dar tiros no pé como acontece com o desacordo ortográfico e tentar encontrar mecanismos que tornem o português cada vez mais uma língua globalizante, uma língua presente nos pontos estratégicos nas futuras zonas de desenvolvimento mundial como serão, com certeza a América Latina e a África.

[4] Ver SILVA, 2006.

## 5. Conclusão

Costuma dizer-se que os economistas gastam 50% do tempo a fazerem previsões económicas e os outros 50% a justificar por que é que não acertaram. Nada indica que os linguistas sejam melhores nos futurismos com que nos brindam.

No entanto, há evidências que não se podem negar: as línguas têm-se reduzido a um ritmo alucinante nos últimos séculos, sobrevivendo apenas as mais fortes; a globalização leva o inglês a transformar-se de língua, no sentido clássico, em instrumento da comunicação global. Este processo já levou à hibridização de todas as outras línguas. Não será esta uma situação problemática, mas sim caso esta hibridização transforme as línguas, para além do inglês, em produtos geneticamente modificados com morte pré-anunciada. A humanidade pagaria um custo enorme se trocasse a diversidade por possíveis vantagens de uma globalização total a nível linguístico. Muita gente não tem dúvidas que esta uniformização acontecerá, pelo menos a longo prazo.

A acontecer, esta situação seria dramática para a diversidade cultural e cognitiva da espécie humana. O próprio conceito de língua alterar-se-ia.

Uma das soluções que o futuro pode trazer para este problema pode estar na tradução automática. Caso ela se torne viável e fiável, os inconvenientes da diversidade linguística desaparecem. No entanto, para já, a tradução automática simples e acessível, do género telemóvel, ainda é um mito. Até ela existir, as línguas terão que resistir. Nem todas, no espaço de alguns séculos, sobreviverão. Apenas aquelas que se impuserem, que forem usadas por falantes que, usando-as em todas as situações as prestigiem e lhes garantam a sobrevivência. Para que num futuro mais ou menos longínquo seja possível que uma língua como o português possa, como Mark Twain, dizer: “As notícias sobre a minha morte foram muito exageradas”.

## Bibliografia

Fischer, Steven Roger, 2002, *Uma História da Linguagem*, Temas e Debates, Lisboa.

Silva, A., 2006, "O léxico do futebol no português europeu e no português brasileiro: convergência ou divergência?", *Diacrítica*, 20-1, Série Ciências da Linguagem, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga.

Teixeira, José, 2003, "O Q É Q É + IMPORTT N1 MSG? (Mensagens SMS e novos usos da escrita), *Diacrítica*, Série Ciências da Linguagem, nº 17/1, Universidade do Minho, Braga, pp. 387-405.